



SR.^a D. MARIA DO CARMO REIS—Vencedora da corrida d'amazons no Concurso Hípico, na sua egua *Florette*

N.^o 332 Lisboa, 1 de Julho de 1912

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E ESPANHA:

Ano. 1800 — Semestre. 2840 — Trimestre. 1800

Ilustração
PORTUGUEZA

edição semanal do Jornal O SÉCULO

Diretor e Proprietário: J. J. DA SILVA GRACA
Edito.: JOSE JOUBERT CHAVES

Redação, Administração e Oficinas de Composição e Impressão: RUA DO SÉCULO, 13

Uma hernia curada Sem operação

Cura maravilhosa do Sr. Dr. Pimental, de 76 annos, com uma hernia de trinta annos

A vantagem da perfeição na cura das hernias por mais difíceis e mais antigas que sejam, sem a menor difficuldade, não causando ao pacien-te a mais pequena dor, nem perigo, assim como sem perda de tempo nas occupações diárias. É alcançada pelo methodo do Dr. W. S. Rice (S. 857), 2, Stonecutter street, Londres, E. C. Inglaterra. Com elle não ha precisão de lanceta e o tratamento é enviado directam-ente a casa dos pacien-tes, traz-ndo consigo immediato conforto, commodidade e alívio.

O Sr. Dr. A. C. Pimental, o qual esteve herniado durante 30 annos, e experimentou todas as fundas mais conhecidas, decidiu tratar-se pelo methodo de Rice, apesar da sua avançada idade (75 annos) resultando curar-se agora por completo, não fazendo uso algum de aparelho. Este Sr. diz: «Estou profundamente curado da hernia, de que vinha soffrendo desde trinta annos, não fazendo uso algum da minha funda e a hernia nunca mais voltou a apparecer. Não me é possível encontrar a abertura da hernia o que prova que a cura está completa. Isto é verdadeiramente extraordinario e eu não encontro palavras com que possa exprimir a minha admiração por uma tão maravilhosa descoberta. Todos os factos curam de fundas dizem que curam a hernia, mas eu que experimentei os mais conhecidosapparelhos de todas as partes do mundo sei perfeitamente que elles não curam. Estou convencido de que o unico meio digno de confiança para a cura da hernia sejam recentes ou antigas é o maravilhoso methodo de Rice. O Dr. Rice pode estar bem orgulhoso de si proprio e eu afirmo que elle é o unico especialista do mundo que conseguiu descobrir o meio de cerrar para sempre a abertura herniaria.»

Que mais provas de convicção se devem pedir, depois que uma personalididade medica se declara radicalmente curado e mostra que o verdadeiro meio para a cura da hernia está descoberto.



Sr. Eduardo Rosa

Entre outros que se curaram com o methodo de Dr. Rice estão o Sr. Eduardo Rosa, typographo, Rua da Magdalena, Lisboa, o qual estava herniado ha já cerca de 30 annos (veja a photographia), o sr. F. Ortega, calle Naba, Beira, 2 de Cordoba, Hespanha, curado de uma hernia «scrotal» de 20 annos e o sr. F. M. rios, R. de Tathy n.º 77, Rio Grande do Sul, Brazil, herniado ha 35 annos.

Os pois de maior conveniencia que as pessoas de ambos os sexos padecendo de hernia escrevam ao Dr. Rice pedindo uma copia do famoso livro, descrevendo detalhadamente o methodo de cura de todas as hernias por mais difíceis e graves que sejam. Junto será enviado gratuitamente uma amostra de seu methodo, pois que o seu maior desejo é que todo o pacien-te desta terrivel doença tenha o maravilhoso remedio que cura sem dor e sem perigo, sem operação nem perda de tempo de trabalho. Não esperem mais, escrevam immediatamente.



LOÇÃO DEQUEANT

CABELLO BARBA PESTANAS SOBRANCELHAS Umico producto scientifico apresentado na *Academia de Medicina de Paris* contra o microbio da Calvicie e todas as affecções do couro cabeludo **L. DEQUEANT, Pharmacien**, 38, Rue Clignancourt, Paris **E. LISBOA, 15, Rua dos Zapateiros**, a quem deve-se dirigir para todas as informações gratuitas **A. VERDA EM TODAS AS BOAS CASAS DO PORTUGAL.**



PARA ENCADERNAR A

“Ilustração Portuguesa”

Estão á venda bonitas capas em percaline de fantasia para encadernar o **segundo semestre de 1911 da Ilustração Portuguesa.**

DESENHO NOVO DE OTIMO EFEITO
Preço 360 réis

Ouvivesaria “CHRISTOFLE”

Fabrica só uma Qualidade

A Melhor

Para obtel-a exigir esta Marca

e tambem o nome **CHRISTOFLE** em cada objecto.



Contra Asthma

Remedio de Abyssinia Exibard

em Pó, Cigarros. — *Allivio immediato.*

28, Rue Richelieu, Paris. — Todas Pharmacias.

Contra Asthma

Remedio de Abyssinia Exibard

em Pó, Cigarros. — *Allivio immediato.*

28, Rue Richelieu, Paris. — Todas Pharmacias.

Contra Asthma

Remedio de Abyssinia Exibard

em Pó, Cigarros. — *Allivio immediato.*

28, Rue Richelieu, Paris. — Todas Pharmacias.

TRABALHOS T. POGRAFICOS EM TODOS OS SE-

NEROS

Fazem-se nas officinas da

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

LISBOA R. do Seculo, 43

REPUBLICA ARGENTINA

America do Sul

Colonia Dora na provincia de Santiago del Estero

ESTANCIA SAN RAFAEL PROVINCIA DE SANTA FÉ

Os proprietarios vendem lotes de terras irrigaveis de 10 a 50 hectares na «Colonia Dora» pagaveis em 9 annidades com todas as facilidades para o rego. Aos emigrantes agricultores proporcionam-se-lhes terras na «Estancia San Rafael» para o cultivo de cereaes, fornecendo os proprietarios animaes, machinas e demais objectos de lavoura, dando a credito durante o anno até a colheita o necessario para a alimentação do colono e sua familia. Como aluguer da terra, machinas e animaes cobra-se 20 % do producto liquido da colhei a.

Para informes e planos dirigir-se aos proprietarios

ANTONIO L. AGRELO LIMITADA

Calle Corrientes, 459

BUENOS AIRES

BAUME BENGUÉ

Cura Totalmente

RHEUMATISMO

GOTA

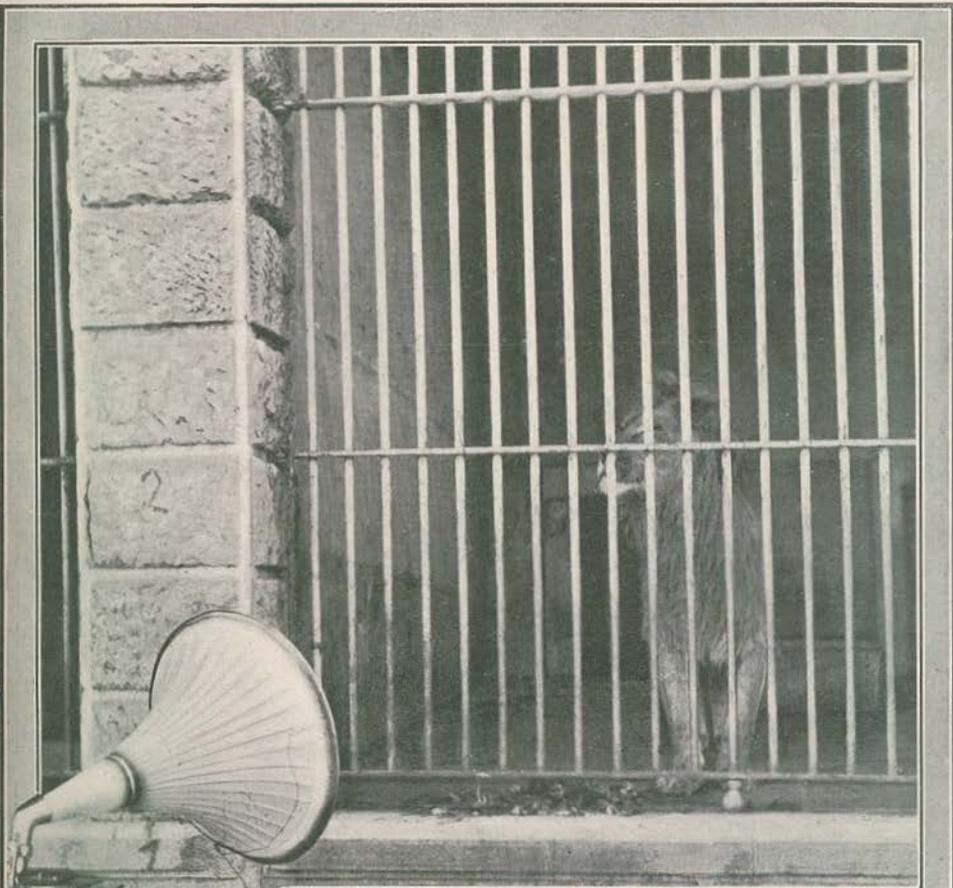
NEURALGIAS

D^o BENGUÉ, 47, rue Blanche, Paris, e em todas as Pharmacias.



UMA AUDIÇÃO DE GRAMOFONE AOS ANIMAES DO JARDIM ZOOLOGICO

A IMPRESSÃO DO AUDITORIO



O leão estaca junto das grades, aplica o ouvido e, com as palpebras meio cerradas, mostra-se deliciado com a audição do *Fado*

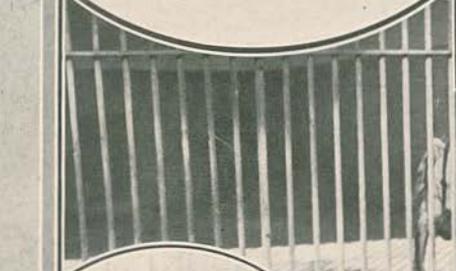
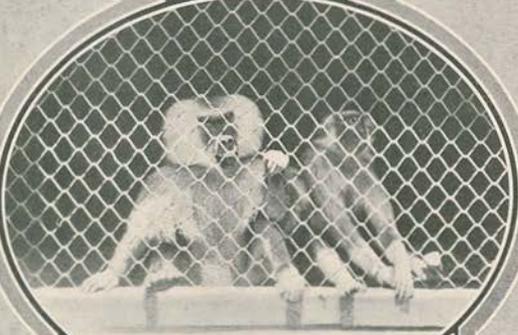
Quando o camelo do Jardim Zoologico viu a campanula do gramofone baixou o focinho como se esperasse que d'ali saísse pitaça. Mas foram as notas da *Gran-Via*

«Caballero de gracia me llaman»

e o animal n'aquela vozear fugiu espavorido para depois voltar medroso, a distancia, com o ar de quem escuta a defrontar-se com o veado que no seu cercado parecia embevecido.

Foi assim que começou esse concerto aos animaes n'aquela tarde ensolada diante das jaulas para onde a nossa curiosidade nos levava.

Que atitude tomariam os chipanzés—Faustino e Catarina—os modelos d'uma bem longinqua ancestralidade diante d'um «dueto» onde uma vozita de mulher arrulhasse ternuras a que um homem meiguices responderia? Primeiro pararam os seus saltos loucos, os seus pulos, calaram os seus guinchos e vieram ligados um ao outro para os ferros, debruçarem-se d'olhos muito vivos para a campanula como a investigar. Por vezes, quando as notas eram mais fortes, Faustino e Catarina



batiam os pés... Para a ternura atenção, para a rudeza... quem diria isto saído de macacos!... pateada.

Mas os macaquitos, essa legião gulosa a quem os pequenitos costumam deitar amendoim e bolos? Largaram os baloços; vieram para o primeiro plano das jaulas uns; outros ficaram ao fundo, atentos às notas da *Lucia*. Havia dois juntos como n'um idílio e n'uma jaula vizinha um mono da *Barbaria* espreitava curiosamente. Assim como Talma, em Erfurt, teve a celebre *parterre de rois*, assim nós tivemos uma plateia de macacos. Também como os reis n'aquelo momento fingiam ouvir mas tremiam de medo pelos seus tronos, assim os macacos pareciam atentos mas no tremor dos seus pelos sentia-se o medo. Os reis recebavam pelos tronos em Erfurt diante de Talma, no sequito de Napoleão; os macacos, temiam nunca mais subirem aos seus baloços. A *Lucia* acabou e aquilo para eles foi um alívio.

Na jaula das aguias, aos primeiros compassos d'uma aria, houve um esvoejar, depois uma indiferença. São aves que tem os ninhos nos penhascos e estão habituadas ao estrondo dos trovões.

E as feras?! Os animais bravios? Que efeito produziria n'elas a musica?

N'uma das jaulas um leão doente, ao ouvir uma canção, deu um salto, abriu as garras, depois começou n'um passeio agitado entre os ferros, com rugidos. O outro—o mais novo e mais lindo—aproximava-se. Foi uma melopéa que se colocou na maquina.

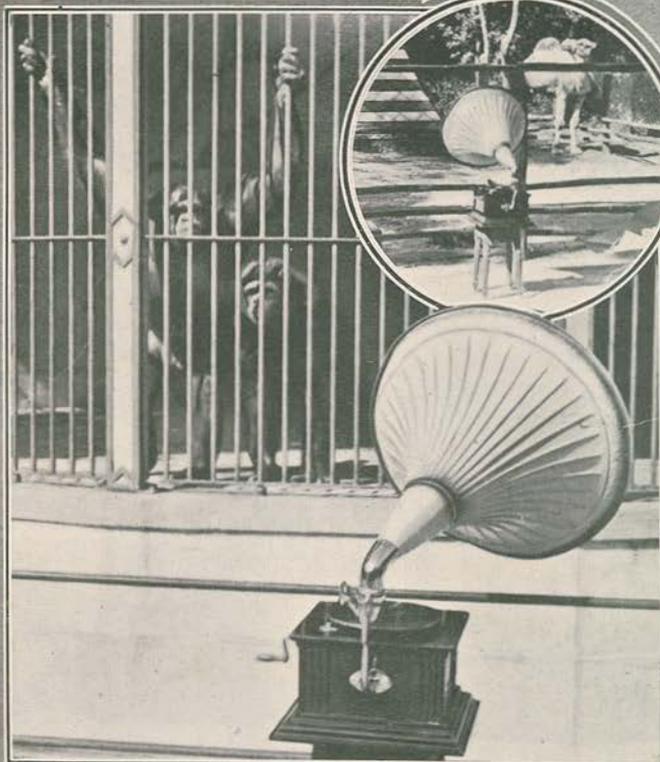
Então ficou queto, olhando a ma-

1—Attitude de simples curiosidade que tomou a zebra, a uma certa distancia, depois de voltar doidamente pelo recinto ao ouvir a *Carmen*

2—Os gorilhas tomam uma posição de vivo interesse junto da grade para ouvir o canto popular do *Pirotto*, olhando a femea vagamente para o ar e fixando o macho o aparelho com um ar interrogativo e humanisado 3—O lobo detem-se naturalmente um pouco aos primeiros sons dos *Huguenotes*, mas mostra-se depois absolutamente indifferente pela musica

quina, escutando com um ar de gozo, uma expressão inteligente nos olhos amarelos, a juba eriçada, como extasiado, como amolecido. Mal o gramofone roufanheou e logo parou, o animal ficou agitado e como ao lado se fosse dar um concerto ao grande leopardo ele, na sua jaula, punha-se a querer vêr, a querer ouvir muito junto da jaula. E não houve remédio senão dar uma nova serenata ao leão.

O grande leopardo, diante das harmonias do *Trovador*, fugiu cheio de medo e do fundo da jaula os seus olhos tinham fulgores de brazas e a sua guela vermelha escancarava-se. Decididamente a musica irritava aquele leopardo. Ela que faz dançar os ursos famintos nas feiras, deixára o



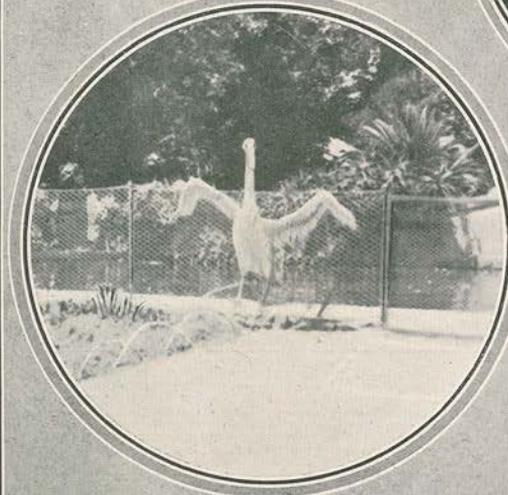
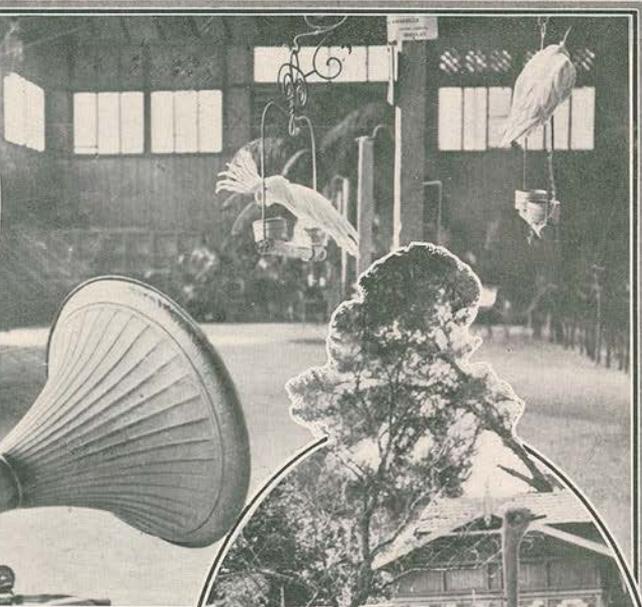
1—O camelo saltou espavorido ao som da *Carmen* e, só depois de estafado, quedou-se longe do gramofone, olhando para ele ainda com pavor. 2—Os orangotangos, Faustino e Cristina, aquietam-se subitamente, dos seus medonhos saltos, e ouvem um «dueto», não sendo facil defini-los, através da sua carrancuda viseira, as impressões tumultuosas que lhes causam a musica. 3—A foca, ao ouvir uma canção popular, suspende o salto que ia dar para o tanque, mas depois mostra-se agitada, talvez mais pela presença de muitas pessoas que acudiram a vê-la, do que pelo efeito da musica. 4—As aves de rapina não deram o mais leve sinal de atenção pela musica. Esvoaçaram um pouco a princípio e depois umas continuaram a devorar carne crua; outras ficaram como estavam, estupidamente alcandoradas nos poleiros



1—A caca-tua dançava, meneava dengosamente a cabeça e dava outras manifestas provas da enebriante impressão que lhe causava o *Trovador*, o que fez o pasmo e as delícias de todas as pessoas que assistiram

2—O grou sobre um pé estava e sobre o mesmo ficou, impassível e impenetrável, ao ouvir o gramófone

3—O avestruz percorreu primeiro o recinto a pernas largas; depois aproximou-se e, deitando a cabeça por cima da vedação, parecia comprazer-se em ouvir uma marcha de guerra

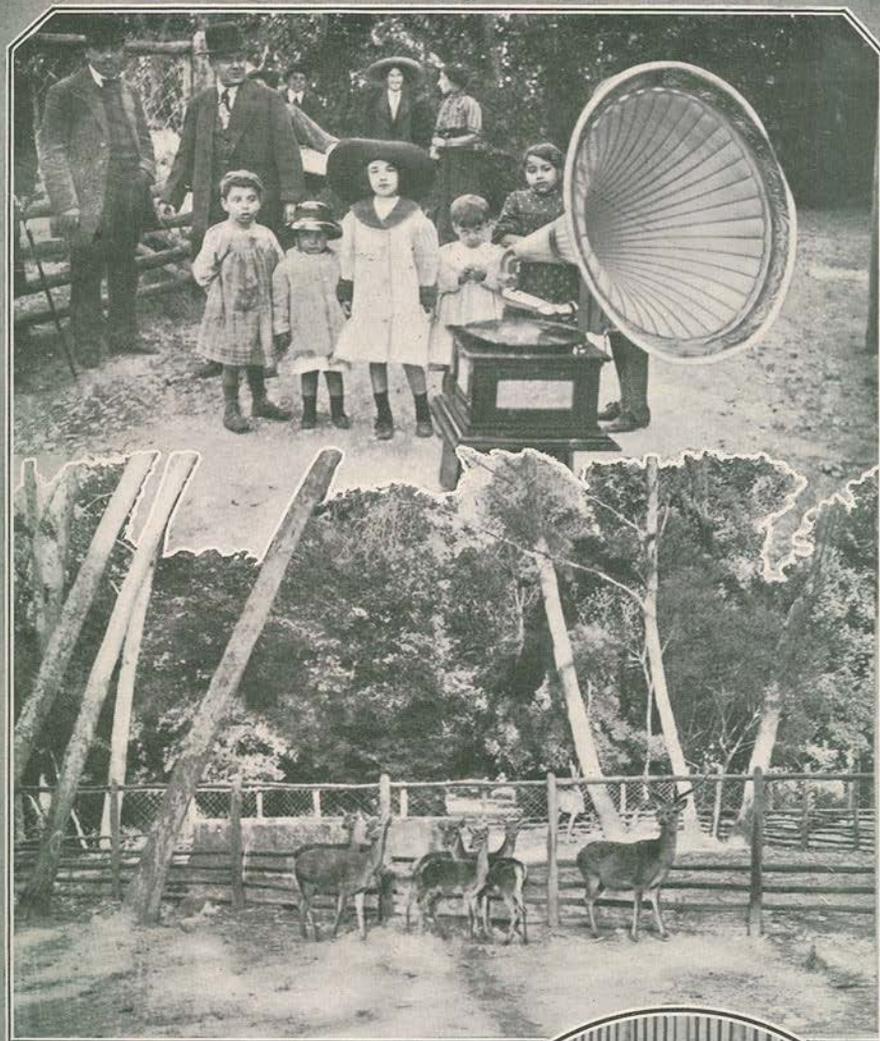


4—O cisne Yagou durante algum tempo como os outros palmípedes e todos se aproximaram depois cautelosamente da margem do lago, saltando aquele em terra e batendo as azas como que n'uma expansão de contentamento

do jardim indiferente. Sentimol-o então farto. Não desejava mais nada da vida, o urso, a não ser alguma hortaliça para desdenhar.

Depois da foca, que se agitou saindo da agua para remergulhar, vimos umas caca-tuas garridas. Balanceavam-se ouvindo os sons e pareciam dançar com meneios de sécias emquanto a arara, com a sua plumagem rica como penachos de generaes peruvianos, tremia de medo.

E comica, abanando-se, mexendo a popa, como uma velha casquilha, outra caca-tua dizia quando a musica parava:

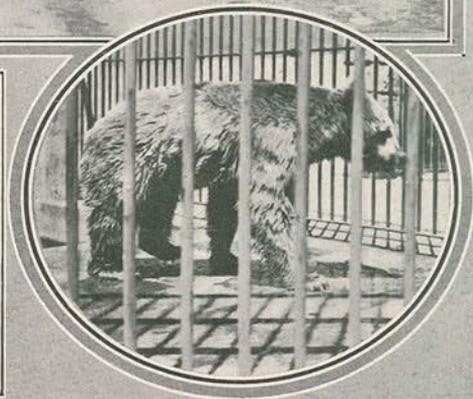


1—O veado e as corças, ao romper a *Lucia* saem precipitadamente do estabulo e, de cabeça graciosamente erguida e orelha flta, quedam-se visivelmente extasiados. 2—O urso mais uma vez prova a merecida significação do seu nome, deambulando na jaula sem se importar absolutamente nada com as maviosas vibrações do *Passe de Banderillas* (Clichés Frederico Buendia e Frutos Nava). Os discos pertenciam á casa *Simplex*, do sr. Castello Branco

—Ah!... cacatua...
Ao reçoçar os sons recommçavam as danças nos poleiros.

Se n'essa tarde fizemos o nosso efeito sobre os animaes do Jardim Zoologico é justo dizer-se que algumas d'aquelas especies tambem já teem feito a nossa admiração... nos Coliseus.

R. M.



MUSICA NO PORTO. PEDRO BLANCO E AS SUAS DISCIPULAS.

Desde poucos anos, alguns professores de piano do Porto veem apresentando, em concertos anuaes cada vez mais interessada-



mente assistidos do dilettantismo portuense, aqueles dos seus alunos que melhores aptidões evidenciam. E o facto, que lhes dá direito a franco louvor, tem contribuido para a difusão do gosto musical—com o que os bons professores teem tambem a lucrar.

Entre estas festas do piano, marcam, a consenso unanime, um logar de luminoso destaque, as do professor D. Pedro Blanco, pianista de tecnica perfeita, superior illustração literaria e musical e alma de autentico artista. E se, de maneira geral, os convites são recebidos com satisfação e as festas honradas pela *elite*, não menos certo é que, para os concertos de Pedro Blanco, esses convites se salientam e buscam com fundo interesse e o recinto festivo é diminuto para conter os convidados.



1—Sr. Pedro Blanco. 2—Sr.ª D. Mailde Blanco, executante do *Rondó brilhante*, de Weber



Por varias razões. Mas enumerar apenas a de que os *dilettanti* seguem com enternecido interesse, de concerto para concerto, os progressos do curso, e assistem, entre o pasmo e o encanto, ao desabrochar de algumas autenticas vocações, de ano a ano desenvolvendo-se, marchando a passo seguro á conquista

ta de logares de honra.

D. Pedro Blanco é castelhano, discipulo laureado do Conservatorio de Madrid. Muito novo veio ao Porto. E sempre estudando, trabalhando sempre indefensa, honesta e inteligentemente, conquistou entre nós fama e nome de bom entre os bons. Querem-lhe afetosamente quantos o conhe-



1—Sr. D. Esmeraldina Ferreira Machado. 2—Sr. D. Juliety Rodriguez. 3—Sr. D. Clementina Nogueira, executante da *Rapsodia*, de Brahms. 4—Sr. D. Adelalde Simões Carvalho. 5—Sr. D. Maria Guilhermina Abreu Maia e D. Maria Carneiro d'Abreu Maia, executante do *Rondó*, de Beethoven, e *Tarantelle*, de Mozowski. 6—Sr. Arnaldo Garcia



cem. Pasmoso de atividade, o seu viver. Consagra ao seu curso o melhor dos seus disvelos, mas acha modos e tempo de fazer-se ainda aplaudir em numerosos concertos e festas de caridade.

No seu paiz tem obtido largos triunfos, e os seus concertos no teatro de La Comedia, no Ateneo, no Conservatorio, de Madrid, em muitas sociedades musicas e filarmônicas hespanholas, constituiram justos e verdadeiros acontecimentos de arte.

Compôz a *Hispania*, as



Heures Romaniques, a *Mazurka Triste* outras somenos paginas musicas, todavia tocadas de nobre sentimento artistico. A sua *Hispania*, adotada para estudo e prova no Conservatorio de Madrid, valeu-lhe tambem a honra de admissão na *Societé Internationale de Musique*, de Paris, de que é correspondente em Portugal e em cujo boletim, dos mais superiormente cotados no mundo musical, vem publicando interessantes notas sobre o cancionero portuguez que ele adora.

1—Sr.^a D. Maria da Conceição Fernandes Costa, 2—Sr.^a D. Alexandrina Lopes Tavares e D. Maria Angelica Lopes Tavares, 3—Sr. Clemente Gama, executante do *Im-promptu*, de Schubert



4—Sr.^a D. Maria Lopes Teixeira, executante da balada em sol, de Chopin, 5—Sr.^a D. Alice Miranda, 6—Sr.^a D. Inacia Gonçalves, executante da *Serenade*, de Staub, 7—D. Amélia Figueirôa, executante da *Danse Ecossaise*, de Dinorah



1—D. Olinda Rodrigues, executante da «Fleuse» de Raff e do «Presto agitato» de Mendelssohn. 2—D. Sofia Machado Guimarães, executante do «Impromptu Romantique». 3—Menina Raquel Garcia. 4—D. Maria Ermelinda da Silva. 5—D. Maria de Azevedo. 6—D. Tereza Brujas, executante da «Pastoral Variée» de Muzart. 7—D. Maria Figueiredo Lima. 8—Sr. Luiz Cabral executante do «Concertstuck» de Weber. 9—D. Angeles Hernandez.

A partida do nosso ministro no Brazil, sr. dr. Bernardino Machado



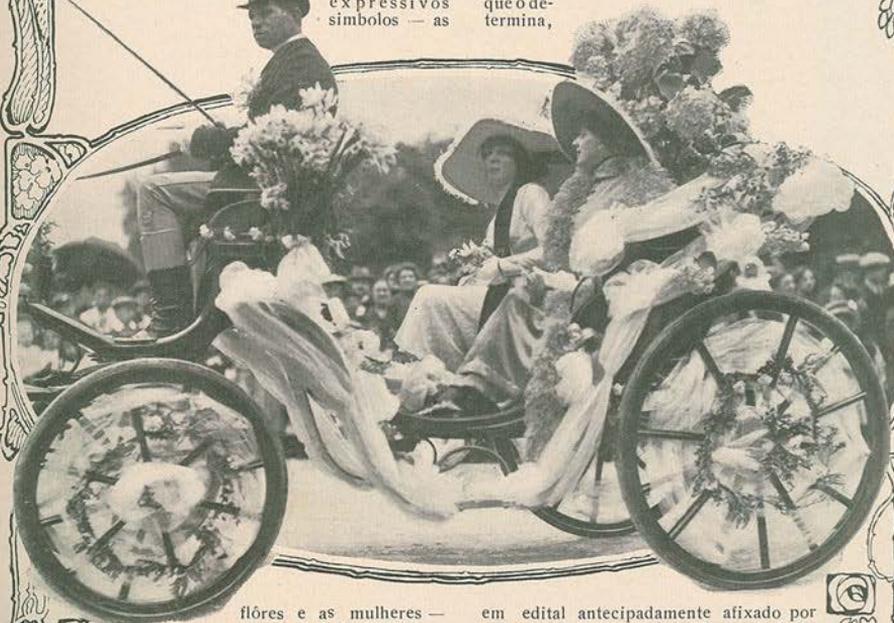
1—A bordo do «Arlanza»: O sr. dr. Bernardino Machado, com os ministros dos estrangeiros e da guerra $\diamond \diamond$ e dr. Afonso Costa, a bordo do «Arlanza» 2—O sr. dr. Bernardino Machado, subindo para o «Arlanza».

A FESTA DAS FLÔRES EM BRUXELAS

O «LONGCHAMPS FLEURI» D'ESTE ANO

Esta festa tradicional em honra de Flora, a deusa gloriosa que, segundo a fabulosa história das divindades do politeísmo, presidia à floração das plantas, é talvez a mais bela do ano bruxelense. E na verdade, que homenagem morada, se pô-triunfal Beleza, os seus mais expressivos símbolos — as

promotora d'esta festa anual no pitoresco *Bois de la Cambre*, onde n'essa tarde sômente tem entrada os veículos floridos, automoveis e caruagens, tendo pelo menos as lanternas amplamente guarnecidas de flôres, e motocicletas e velocípedes em grupos, representando os varios clubs ciclistas. E' o burgomestre de Bruxelas que o determina,



flôres e as mulheres — n'um cenário delicioso, escolhido n'um poetico recanto de frondente bosque?

Assim o tem entendido sempre a prestimosa sociedade «Bruxelles-Attractions»,

em edital antecipadamente afixado por toda a parte, no qual é tambem estabelecido o percurso do respetivo *corso* e regulada a batalha de flôres, em que só é permitido arremessar flôres naturaes e artificiaes.



1—Chapéus enfeitados com flôres naturaes eguaes às da ornamentação da carruagem
2—As vendedeiras de flôres



O *Longchamp fleuri* é uma festa que se tornou popular, e á qual á presidencia do burgomestre imprime o carater de verdadeira festa da cidade. N'esse dia, as ruas da capital ficam por assim dizer desertas; a vida bruxelense concentra-se toda no Bois, havendo uma constante mobilisação de gente de todas as classes pela interminavel e bela Avenue Louise — o passeio chic cá da terra — que lá conduz. Nas escolas concede-se feriado, alguns bancos e casas de comercio e mesmo repartições publicas tambem dão sueto aos empregados, e aqueles que não conseguem alcançar o meio dia de folga fazem muito simplesmente a sua gazeta...

É uma festa que entrou nos costumes belgas: é uma tradição, passando de ano para ano com as modificações que o modernismo lhe impõe, como continuadora e renovadora de uma antiga festa que tinha lugar pelo S. João e que era a grande festa de verão, na celebração cristã do solstício, em que se realisava tambem como agora um *corso* popular, ao mesmo tempo religioso e alegre, como glorificação brilhante das flores, entre as quaes então figuravam principalmente as do campo, com as suas significações convencionaes, symbolos ingenuos e inofensivos sortilegios.

Apesar de estarmos n'um saiz catolico, onde ainda ha quinze dias os clericas ganharam as eleições, vencendo o «cartel» liberal-socialista e alcançando até uma maioria superior á que já tinham na Camara, a religiosidade e o misticismo simplorios de que essa antiga festa das flores era impregnada, apparecem-nos hoje substituidos pelo sensualismo e mundanidade, bem mais atraen-

tes, que resumam do *Longchamp* actual, onde como incitamento ao luxo, ao coquetismo, á ostentação, se estabelecem premios para a carruagem e automovel mais elegantemente adornados sob o ponto de vista da toilette feminina, assim como para a senhora que apresente o mais belo chapéu guarnecido de flores artificiaes e plumas, e onde ha notas caracteristicas como esta, de um pitoresco flagrante: de uma «vitoria» lindamente enfeitada, e que foi premiada, as damas, por signal elegantissimas, que n'ela iam, ao receber a bandeira de honra que lhes foi conferida, apeiam-se e, n'um espontaneo impulso de intuitiva graciosidade, beijam os membros do juri.

«Catita, não acham? Não de concordar que é simplesmente delicioso, pelo imprevisito, e encantador como galanteria. E olhem que nenhum d'elles se esquivou nem se fez córado... Estou mesmo em crêr que tiveram mas foi muita pena de que não houvesse mais premiadas, interes-



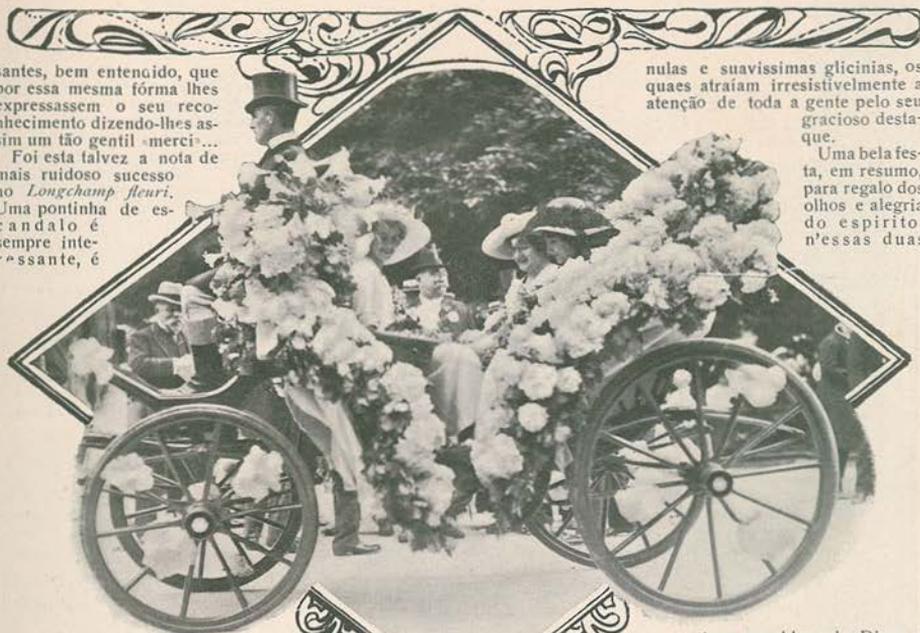
1—Os membros do juri. 2—Carruagem a dois cavalos com a graciõsa bailarina Paulette 3—Um automovel de lindo effeto

santes, bem entendido, que por essa mesma forma lhes expressassem o seu reconhecimento dizendo-lhes assim um tão gentil «merci»...

Foi esta talvez a nota de mais lido sucesso no *Longchamp fleur*. Uma pontinha de escândalo é sempre interessante, é

nulas e suavíssimas glicínias, os quaes atraíam irresistivelmente a atenção de toda a gente pelo seu gracioso destaque.

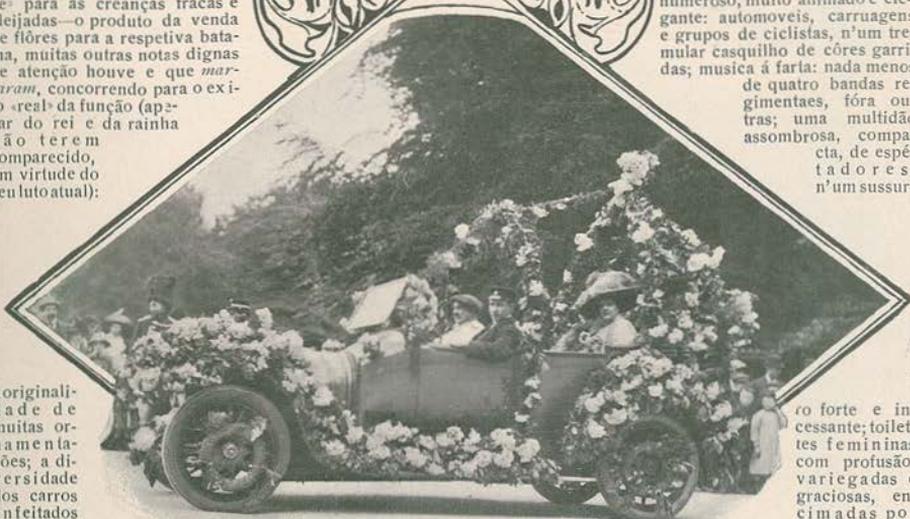
Uma bela festa, em resumo, para regalo dos olhos e alegria do espirito, n'essas duas



mesmo indispensavel, n'uma festa mundana.

No entanto, sem falar na nota altamente simpática de ser destinado a uma obra de caridade—a *Villa de Convalescencia*—para as creanças fracas e aleijadas—o produto da venda de flôres para a respetiva batalha, muitas outras notas dignas de atenção houve e que *marcaram*, concorrendo para o exito «real» da função (apazar do rei e da rainha não terem comparecido, em virtude do seu luto actual):

poeticas avenidas—de Diana e de Flora—do aprazível *Bois de a Cambre*, cuja paisagem lhe prestou admiravelmente o cenário ao mesmo tempo simples e grandioso das suas verdejantes folhagens magnificas. Um *corso* numeroso, muito animado e elegante: automoveis, carruagens e grupos de ciclistas, n'um tremular casquilho de côres garridas; musica á farta: nada menos de quatro bandas regimentaes, fóra outras; uma multidão assombrosa, compacta, de espectadores, n'um sussur-



a originalidade de muitas ornamentações; a diversidade dos carros enfeitados —vitorias, landaus, charretes, automoveis de todos os feitios—, alguns ricamente guarnecidos, como verdadeiras montanhas ambulantes de flôres, outros de um delicado bom gosto, como cuidados canteiros de mimoso jardim; e ainda a interessantissima novidade dos chapéus de senhora enfeitados a flôres naturaes, principalmente de airoas campa-

ro forte e incessante; toiletes femininas com profusão, variegadas e graciosas, encimadas por chapéus imensos, dando uma nota chic nas tribunas reservadas; exuberancia esmerada de flôres: desde os ternos bluets e lírios, as lindas begonias e anemomas, as bastas hortensias e lilazes, as belas rosas de todas as nuances, cravos, geranios, etc., até ás berrantes papoilas, simples malmequeres e outras vulgares flôres dos campos, destacando-se, natural-

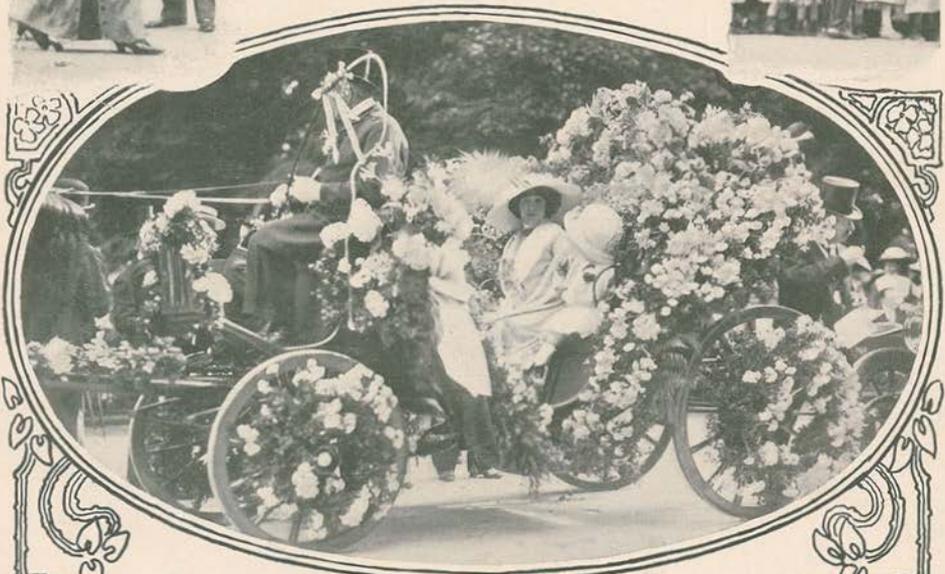
1—Uma vitoria premiada. 2—Um dos automoveis premiados.



mente, de toda essa abundante coleção, n'um realce delicioso, essas outras flôres de maior encanto, voluptuosas, vivas e mais capitosas, que são as mulheres... Ah! n'esta festa d's flôres, como em todas as festas, aliás, foram elas afinal as glorificadas... D'esse inato predicado, nenhuma força as poderá despojar; são elas sempre que recebem as honras da vitória, n'esta intermina e porfiada batalha que se chama vida, as mulheres, as eternas triunfadoras...

Bruxelas, 17 de junho.

JOSÉ CORDEIRO.



1—Automovel artisticamente enfeitado com lilazes e «flots» de musselina do mesmo tom.

2—Vendedeira de flôres.

3—A gentil Dorah Imet, bailarina da Ópera, que obteve o premio oferecido ao mais belo chapéu: guarnecido de flôres artificiaes e plumas.

A grève dos electricos

O governo da presidencia do sr. dr. Duarte Leite soluconou a questão garantindo a liberdade de trabalho assim como por lei o da grève é aceite. N'esta conformidade—e como a Companhia declarasse ter gente apta e numerosa para conduzir alguns carros—foi dada ordem á Guarda Republicana para os escortar. Pôz-se a trabalhar a geradora d'electricidade de Santos que as forças cercaram, procederam-se a buscas nas cozinhas comunistas, na Associação e na Casa Sindical e pelas 16 horas da tarde de 21 de Junho o primeiro electrico saiu guiado por um revisor e conduzindo, além de varios empregados da Companhia, um official da Guarda Republicana. Os esquadrões galopavam á frente e á retaguarda entre os aplausos d'alguns e as imprecações de operarios, havendo quem arremessas-

se algumas pedras sendo imediatamente presos e levados para a estação de Santo Amaro. D'aí a pouco sa'ram outros carros que o povo invadia annunciando-se para o dia seguinte a sua completa circulação em todas as linhas. A' noite, no Rocio, quando a praça estava mais frequen-



tada rebentaram quatro bombas, matando os estilhaços d'uma d'elas, o sr. Manuel dos Santos Galo, de Loulé, que vinha passando á esquina da rua Nova do Carmo. Houve correias e fizeram-se prisões. Regimentos de cavalaria patrulharam a cidade que apareceu na manhã de sábado com as embocaduras das ruas tomadas pelas tropas. Os carros começaram a circular, quasi normalmente, tomando n'ele logar até senhoras. Só na Avenida houve quem

1—No Conde Barão: o primeiro carro carregado de povo e empregados da Companhia. 2—O primeiro carro que saiu de Santo Amaro, passando no Conde Barão. 3—A Guarda Republicana diante da fabrica geradora d'electricidade quando começou o funcionamento das maquinas

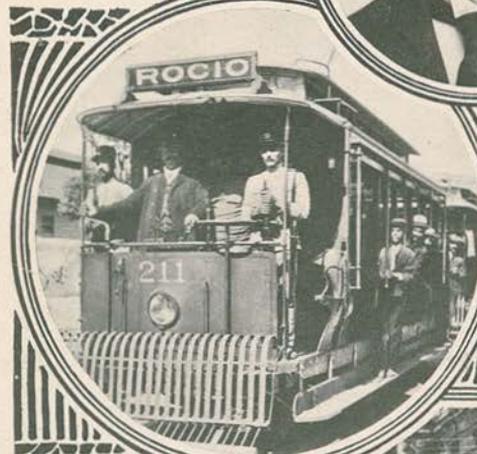
arremeças-se uma bomba contra um dos carros, causando um grande pânico. Era um antigo empregado das oficinas que desvairadamente praticou o ato, escapando de ser linchado pela multidão.

Os elevadores começaram também em serviço, recolhendo, assim como os elétricos, nos primeiros dias às 20 horas apresentando depois a cidade



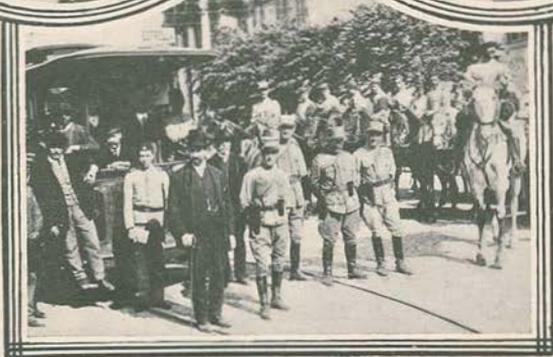
também quando se começou a solucionar a questão correu a notícia de que seria declarada a greve geral. Reuniram-se ainda delegados de vários comités, apaeceram representantes

de diversas associações e contava-se com a acedia dos ferroviários os quaes exigiriam apenas que fôsse soltos os presos durante os tumultos e reconhecida a associação do pessoal dos



1—Cavalaria no Terreiro do Paço. 2—O sr. Manuel dos Santos Galo, que foi morto pelo estilhaco de uma bomba, á esquina da rua do Carmo, em 22 de Junho

o seu antigo aspecto, retirando-se as tropas das ruas, acabando as prevenções nos quartéis e saindo os regimentos para as terras d'onde tinham vindo. Eram infantaria 34, infantaria 7 e cavalaria 6.



3—A cavalaria, na Estrela, protegendo a saída dos elevadores

3—No Arco do Cego: Os carros guardados pelos soldados da guarda republicana. 4—Em Xabregas: Infantaria guardando a linha por ocasião do boato da greve ferroviária

elétricos pela Companhia.

Na Outra Banda movia-se também a classe corticeira e os moageiros n'uma solidariedade com os grévistas, havendo em Lisboa um certo receio de paralisação de todos os serviços. Os chauffeurs

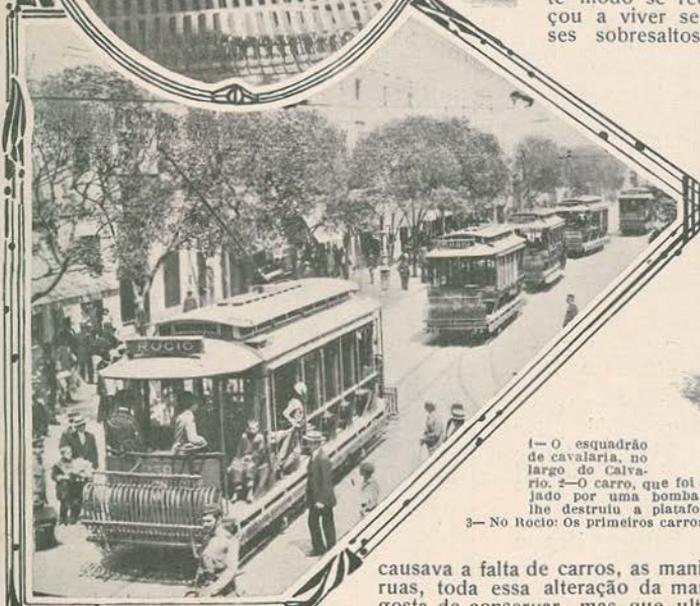
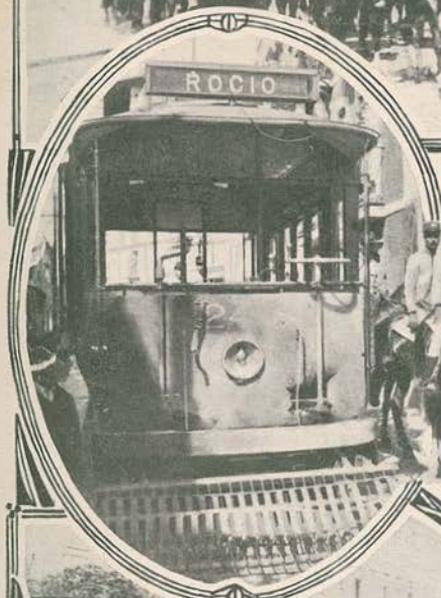


adeririam também e ficaríamos sem meios de

transporte. Mas aquele terror durou um curto espaço de tempo.

Soubese logo que os ferroviários não aceitavam a greve, isto á excção do pessoal das oficinas que realmente proclamou a sua solidariedade com os do movimento. Deante de semelhante resolução a greve geral fracassou e Lisboa retomou o seu aspéto natural que ha vinte e quatro dias se alterára.

A Companhia restabeleceu imediatamente os serviços e d'este modo se recomçou a viver sem esses sobresaltos que



1—O esquadrão de cavalaria, no largo do Calvario. 2—O carro, que foi alvejado por uma bomba que lhe destruiu a plataforma.

3—No Rocio: Os primeiros carros que saíram em 22 de Junho.

causava a falta de carros, as manifestações de forças nas ruas, toda essa alteração da maneira calma que Lisboa gosta de conservar, mas que ultimamente bastas vezes tem perdido.



O comandante do esquadrão da guarda republicana, de serviço em Alcantara (clichê Benolle)

Concurso Hípico

A corrida das amazonas foi um dos pontos mais interessantes do concurso. N'esse dia foi maior a assistência a admirar o garbo e o arrojo das distintas senhoras que tomaram parte nas provas difíceis que se realisaram.

D'uma maneira encantadora aquela testa se passou, sendo a primeira classificada a sr.^a D. Maria do Carmo Reis, que fez um percurso realmente notavel na sua egua *Florette*.



1—O alferes sr. José Alverca que ganhou o primeiro premio saltando no seu cavallo «Atalaia».

O grande premio de Lisboa foi valorosamente disputado por cavaleiros eximios, ficando vencedor o alferes de cavalaria sr. José Alverca, tendo-o-se, todavia de estacados srs. Delfim Maia e o principe Capece di Zurlo, Higino Barata e Francisco Lusignan.

Na apresentação de montadas nacionaes foi ainda concedido o primeiro premio á egua *Diva*, do sr. Jara de Carvalho e o segundo ao cavallo *Africano*, do sr. Martins de Lima.

Os cavalos estrangeiros foram classificados: em primeiro logar o *Duet*, do sr. Salvador Alto Mearim e em segundo o *Pol-Lad*, do sr. Antonio Calado.

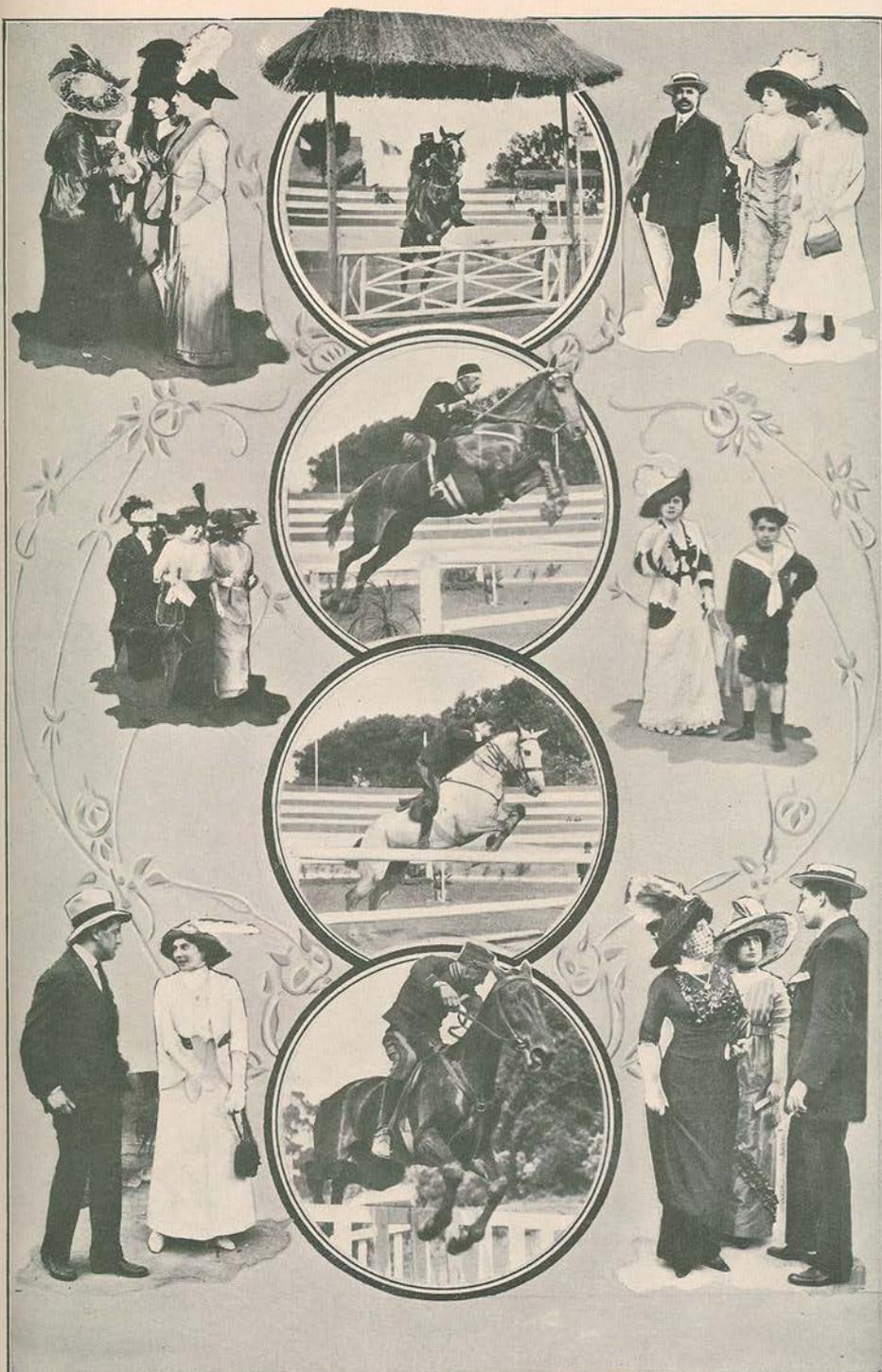


2—Nas tribunas

3—Mademoiselle Paulucci di Calboli filha do sr. ministro de Italia saltando no seu cavallo «Cunido».
(Clíches de Benoitte)



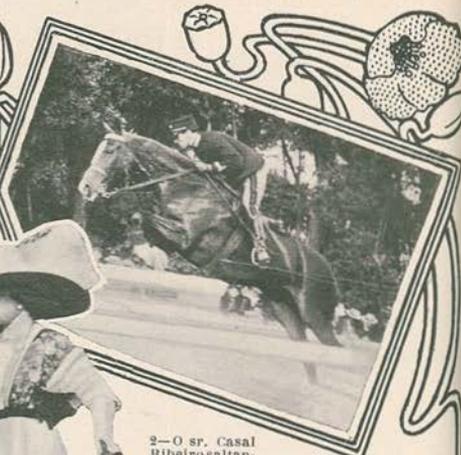
4—A assistência



2—No percurso de caça: Passagem do alpendre. 5—O sr. Julio d'Oliveira. 1.º premio do percurso de caça, no seu cavalo 'Eclair' 7—Saltos de barras no percurso de caça. 9—Salto duplo. 3, 4, 6, 8 e 10—Aspetos da assistencia.



1 — Mademoiselle Reis saltando no seu cavallo «Florete».



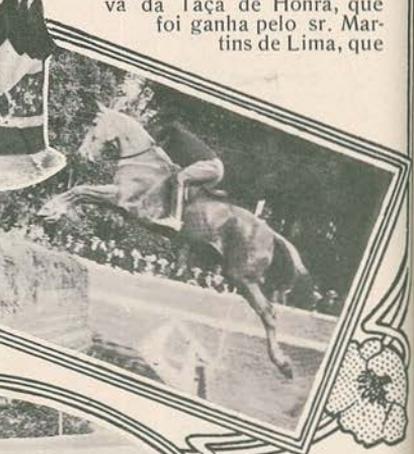
2 — O sr. Casal Ribeiro saltando no seu cavallo «Gantois».

O concurso hipico acabou com o percurso da caça que tinha quatorze obstaculos, alguns bem dificeis de vencer, como o da vedação que apenas foi transposto por cinco cavaleiros, destacando-se, entretan-

marães, Antonio Calado e Pessoa d'Amorim. Realisou-se, por fim, a prova da Taça de Honra, que foi ganha pelo sr. Martins de Lima, que



4 — Mademoiselle Menezes saltando no seu cavallo «Vulcano».



5 — Sr. Higino Barata no «Eclair» (Clichés de Benollel)

to, o tenente Cifka Duarte, no seu cavallo *Cometa*. Seguiram-se os srs. Sá Guimarães e príncipe de Zurlo.

A classificação n'esta prova foi a seguinte: sr. Julio de Oliveira, Jara de Carvalho, Cifka, Sá Gui-



3 — Na assistencia. 6 — As amazonas concorrentes

montava o cavallo *Alvear*, do sr. Francisco Lusignan.

Brilhantemente terminaram estas festas promovidas pela Sociedade Hipica, sendo este concurso um dos melhores realizados.

UMA FESTA DE CARIDADE



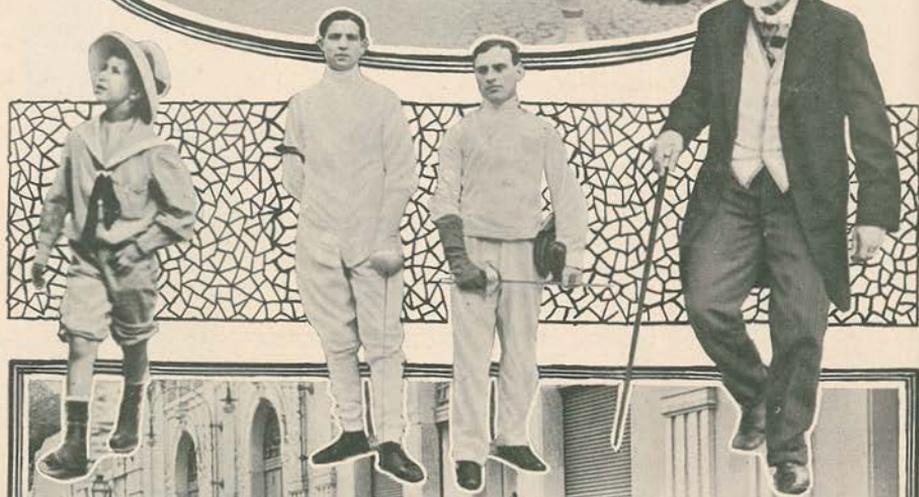
1—A' saída do Chiado Terrasse. 2—Os srs. Sabino Correia e Gregório Fernandes que recitou versos na festa, á porta do Terrasse.

O sr. Sabino Correia tem sabido fazer do Chiado Terrasse não só um ponto de reuniões mundanas mas ainda um salão no qual, com o mais desvelado zelo e patriotismo, tem preparado as mais belas obras de caridade pelo que só merece louvores o distinto gerente d'aquela cinematografo.

Ainda ultimamente ali se realisou uma brilhante festa, cujo produto reverteu a favor da caixa de auxilio a estudantes pobres do sexo feminino e que decorreu da fórma mais interessante.



3—As creanças á saída do Chiado Terrasse



1—A comissão promotora da festa. 2—A saída do Chiado Terrasse. 3—Os professores sr. Pedro Rui Dias e José Pinto Martins que assaltaram à espada. 4—O sr. Brito Aranha à entrada para o Chiado Terrasse. 5—Aspêto da saída do Chiado Terrasse. —(Clichés Alberto Lima)

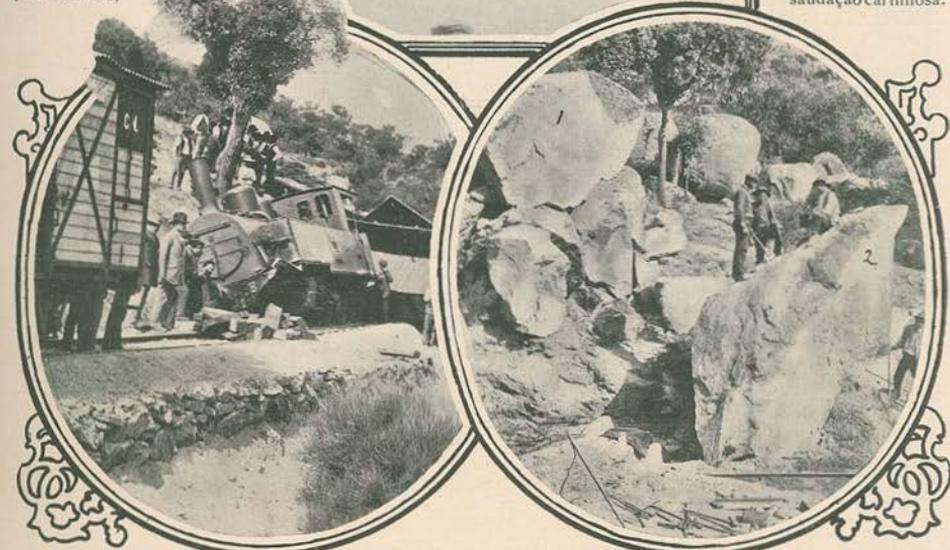
FIGURAS E FACTOS



Por iniciativa do Sindicato dos Professores Primarios de Portugal, cuja sede é no Porto, realisou-se ha dias uma excursão de alunas das escolas primarias de Estarreja áquella cidade, constituindo uma festa deveras encantadora. As creanças visitaram, em grupos, acompanhadas de professores,



os estabelecimentos científicos da cidade, onde ouviram breves e simples palestras instrutivas. Depois, alunos das escolas do Porto e de Estarreja confraternisaram uma sessão solene, que se realisou no Jardim de Passos Manuel, onde o sr. dr. Santos Silva, um dos principaes impulsores do Sindicato, lhes fez uma saudação carinhosa.



1—Grupo de professoras. 2—Grupo de professores estando indicados pelos sinal ◊ o sr. Henrique de Sant'Ana, professor e um dos maiores organizadores do Sindicato dos Professores de Portugal. 3—Grupo d'alunos das escolas do Porto. 4—A locomotiva depois do desastre. 5—O descarriamento entre as estações do Romeu e Cortiços: O n. 1 designa o lugar onde se deslucou o penedo que causou o desastre; o n. 2 o penedo.—(Clichês dos fotografos portuenses sr. Correla & Moreira)

A sr.^a D. Maria Benedita Mousinho d'Albuquerque Pinho deu-nos recentemente um interessante romance intitulado *Marina*, primorosamente feito. É uma historia de mulher, palpitante de interesse, que um casamento desproporcionado arrasta a algumas leviandades, que resgata depois por uma nobre e bela com-

preensão da vida no que ela tem de mais nobre:—o dever. A ilustre escritora afirma em cada novo trabalho literario a sua incontestavel superioridade intelectual.

O sr. Luiz Quaresma Val do Rio, que faleceu em 22 de junho, foi um dos mais importantes comerciantes da nossa praça socio da empresa Val do Rio Junior que é uma das firmas mais conhecidas no nosso meio.



1—A ilustre atriz Lucinda do Carmo nomeada professora da Escola de Arte de Representar
2—Sr.^a D. Maria Mousinho d'Albuquerque Pinho, autora do romance «Marina»
3—Sr. Luiz Quaresma Val do Rio, importante negociante, falecido em 22 de junho.



Uma audição da *Portuguesa* em Paris não deve passar sem registro nas paginas da *Ilustração*. As provas de amigã deferencia que os estrangeiros nos consagram são motivo de congratulação para todos os portuguezes que presam o seu paiz.

Foi em casa da ilustre artista do Olympia, mademoiselle Lucie Seuron



4—Uma audição da «Portuguesa» em Paris: Da esquerda para a direita o compositor italiano Albinaldi, a atriz Lucie Seuron, o poeta Castanier que traduziu a «Portuguesa» para francez, Marc Gaudin diretor da agencia «Illustration de la Presse» e o visconde de Bussolo

donça feita pelo capitão Castanier, antigo chefe dos *boers*, ajudante de ordens do general Botha e velho amigo de Portugal.

Esse poeta é tambem o autor d'um belo hino a *Camões*, cantado ha pouco no banquete a que o representante da Republica Portuguesa em Paris, presidiu no Hotel Continental.

que se realisou a audição do hino nacional portuguez. As palavras cantadas primorosamente pela dona da casa foram as da tradução da letra do sr. Lopes de Men-

A' audição da *Portuguesa* assistiram algumas personalidades em evidencia nos meios d'arte da capital franceza.



O' noite, flôr de treva! Espalha no ar, no espaço,
Os aromas subteis do místico regaço!
Noite, flôr de saudade—â deliciosa cruz!—
Rosa negra dos céus orvalhada de luz!
Sombria, misteriosa e divina epopela!
A Via Lactea chora, e canta a lua cheia,
E cada estrela vem balbuciar, palpitante,
Os segredos de Deus á nossa alma distante!
Noite, sonho de dôr sobre a terra suspenso!
O' portentoso mar, tranquillo mar imenso,
Onde voga e reluz, desde remotas eras,
A armada cintilante e invicta das esferas,
Desdobra lentamente as ondas tenebrosas
Que dão a mesma côr aos abutres e ás rosas!
O' vasta cathedra, onde o sonho flutua!
—Celebra o rouxinol e pontifica a lua:
Evola-se da Terra, espalha-se no ambiente,
Enche o largo silencio um cantico potente:
Ascende em curvas d'oiro o humano pensamento
E perde-se na fimbria azul do firmamento!

O' noite! Ecuridão! Olhar de eternidade,
Sondando o tumultuar da velha humanidade,
O tumultuar confuso e eterno das paixões
Que a sua sombra avulta em doidos turbilhões!
O' manito do faminto e dos esfarrapados,
Acolhes em seu seio os clamores, os brados
De tudo quanto sofre, e lida, e se consome
Por atingir o ideal ou por matar a fome!
Bem dita sejas tu, ó noite, sê bem dita,
Morada silenciosa onde a ilusão habita!
Os teus braços são bons, a tua voz macia;
Tu trazes o descanso ao fim de cada dia...

E por isso te busco... E, a desceres a medo,
Eu te quero seguir, de fraguado em fraguado,
De onda em onda, de praia em praia, de astro em astro,
No anelo de alcançar a torre de alabastro
Onde se oculta a flôr dos sonhos imortais,
Onde se esquece o mal, aonde não chegam ais,
Onde as almas, que vão descrentes, torturadas,
Bebem a fé e a vida em horas encantadas...
E por isso te adoro, ó negra esflinge errante
Surgindo, ao fim do dia, ás portas do levante!
—Noite de temporal, épica, tumultuosa,
Noite calma de luar, triste e silenciosa,
Noite gélida e escura, ou noite de calor,
Vibrante de harmonia e cheia de esplendor,
Amo-te sempre, sempre, ó cheia de misterio,
Clingindo num abraço o vasto oceano etéreo...

O' boas ilusões, cisnes alvos de neve,
Acercal-vos em bando e perpassai de leve...
Meu espirito irá nêsse riacho risonho
Assim como Lohengrin, o romelro do sonho...
Desliza! lentamente, horas da noite calmas:
Leval pelo infinito além todas as almas
Que um ideal atormenta e uma dôr excuracia!
O' noite! O' noite! Esparge o netar que e enebra:
Taça de ébano e de oiro, entorna sobre o mundo
A paz, o esquecimento, o silencio profundo!

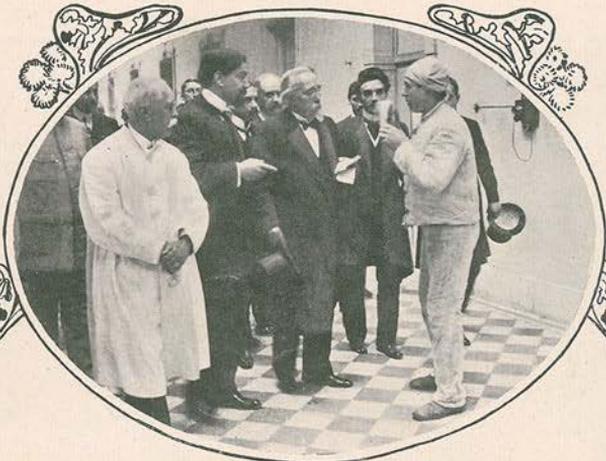
MARIA DA CUNHA.

(Esta bela composição é extraída do «Livro da Noite», da illustre poetisa sr.ª D. Maria da Cunha, prestes a apparecer)

O INDULTO DADO PELO CHEFE
DO ESTADO AOS PENITENCIARIOS



1—Dr. Manuel d'Arriaga, Presidente da Republica. (Clichê. J. Fernandes)
2—Alguns dos anistados: O preso Antonio de Oliveira Vero. 3—O edificio da Penitenciaria. 4—O preso Antonio Ribas.



1—O preso Vitorino Anselmo. 2—O Presidente da Republica na sua visita á penitenciaria falando com um dos presos. 3—O preso José Timoteo Saragoça. 4—O preso José Diogo. 5—O preso Antonio Correia Basto.

A Penitenciaria é um lugar de desditas, a ante-camara da morte moral. E' o laboratorio dos loucos, dos tísicos, das exacerbações. Jazer ali é estar enterrado vivo. Dia a dia a carne se consome, a razão se esvae. Passam os dias, rodam os anos, os que para lá entraram fortes e validos, envelhecem e são devolvidos á sociedade com as forças perdidas. Não os regeneram, desequilibram-nos. O chefe do Estado entrou ali, mandou erguer aqueles capuzes brancos, viu aqueles rostos macerados, as cabeças encanecidas, os olhos onde prepassam clarões de loucura, e a sua alma moveu-se, a sua razão sentiu a barbaridade. O illustre advogado que os teria defendido, lembrou-se que era o chefe do Estado e que podia perdoar.

Quando voltou appareceu no seu espirito essa idéa nitida e então escreveu a mais sincera, a mais comovente das cartas ao ministro da justiça, evocando esses reprobos já castigados na perda da sua saude, e da sua razão, deliberou indultar essas sombras, esses quasi cadaveres: os sexagenarios, os tísicos, os doidos.

A grande ação, o gesto caridoso d'esse honrado homem, caiu como uma benção sobre aquelas cabeças e como uma expressiva fórma d'exteriorisar um grande sentimento de bondade de mostrar a grandeza d'um belo coração.

Atos como este, que acabam com o sofrimento, que estancam lagrimas e quebram agonias devem ser bem gratos áquele que tão bem sabe usar d'um direito que a Constituição lhe concede.

O chefe do Estado perdoou aos miseros aos fracos, aos alienados, e é a nação valida, forte e consciente que o aplaude.



6—O preso Marcos Antonio Bronceda. 7—O preso Manuel Alves d'Oliveira.

AS REVISTAS NOS TEATROS DE LISBOA



1—O ator Almeida Cruz no «Saloto» da revista «Có-có-ró-có» do Avenida
2—A atriz Cremilda d'Oliveira «Flôr de Lotus» na revista «Có-có-ró-có»



3—O ator Santos Melo no «Fabiano da Costa» da revista «Có-có-ró-có» do Avenida
4—A atriz Maria Litaly na «Polaina» da revista «Có-có-ró-có» do Avenida. 5—As «araras», uma das mais espirituosas cenas da revista «Preto no Branco» no Apolo
6—«Meios de transporte» figuras da revista «Preto no Branco» do Apolo.



A revista do ano é a leveza, é o espirito, é a graça. Alguns ditos, uma satira, boa musica, versos espirituosos, eis a revista. O resto fazem-no as mulheres bonitas em cena, os belos trajos, as atitudes, o cenario, as bailarinas que mais voejam do que dançam e no meio de tudo isto, dominante e forte, a graça natural d'um ator: o *compère* que o publico aplaude, com cujos ditos ri.

Todos os acontecimentos do ano n'essas peças surgem criticados de varios modos e são entre nós as que se aguentam mais tempo no cartaz.

E' o que tem sucedido ás revistas atualmente em cena nos teatros de Lisboa, *O Preto no Branco* em que Eduardo Schwalbach, o mestre no genero e Acacio de Paiva, o poeta illustre, puzeram todo o seu talen-



1—As saudades e a Morgadilha» quadro do «Preto no Branco» do Apolo. 2—Danton, Robespierre e Marat, um engraçado quadro politico da revista «Preto no Branco» 3—O illustre ator José Ricardo no «Zé Cabecudo» compère da revista «Cô-cô-rô-cô» 4—Os artistas Maria Dolores e Mattias d'Almeida no «Penteado e Rabicho» do «Cô-cô-rô-cô» do Avenida. 5—Os artistas Acacia Reis e Amarante no «Bichana e Rodilha» do «Cô-cô-rô-cô».



to e ao *Cô-cô-rô-co* de André Brun, Felix Bermudes e Ernesto Rodrigues que a empresa do Avenida, que Luiz Gallardo dirige, vestiu caprichosamente, dando-lhe o mais vistoso dos cenarios.

EM MONQUIM, FAMILIÇÃO A FONTE MILAGROSA



1—Vista do terreno onde se deu o fenómeno: 1. lugar onde estava a macieira; 2 lugar onde ficou depois do desabamento; 3, sitio onde brotou a fonte (Clichê da fotografia Gama)

Aí por meados de março ultimo, n'uma quinta da freguezia de Monquim, concelho de FAMILIÇÃO, desmoronou o lanço d'um muro de suporte, d'uns nove a dez metros de largura por cinco a sete de alto, arrastando, na derrocada, pedras, arvores e um largo trato de terreno, que alagou em linha reta, umas tres leiras subjacentes, n'uma extensão de cem metros, aproximadamente.

Foi por uma noite serena e limpa, nenhuns indícios anteriores fazendo prever o desmoronamento, e causando principalmente surpresa o facto de ficar de pé, como se ali tivesse sido plantada, a vinte e um metros de distancia, uma grande macieira, que se encontrava no terreno sobranceiro ao muro desabado. As pedras enfileiraram-se em todo o comprimento da derrocada, como se se tratasse d'um aterro para uma estrada, e no plano inclinado do subolo argiloso, na direção onde estava a macieira,



2—O povo em volta da fonte. (Clichê Alvaro Martins)

uma boa e abundante fonte brotava, dias transcorridos.

Mais tarde, quando trabalhava nas excavações, uma mulher do campo encontrou, soterrado um pequeno crucifixo de cobre, achado que outras pessoas presenciaram.

Elementos de sobra havia para se formar uma lenda a avivar tradições, que para logo foram desenterradas. A Quinta da Costa, onde se deu o fenómeno, é uma das mais antigas do concelho de FAMILIÇÃO. Da sua casa senhorial, desabitada ha mais de cincoenta anos, vieram os Arrais, e por antigos documentos sabe-se que o solar foi primitivamente no ponto da derrocada. Na actual capela existem duas sepulturas antigas, sendo provavel que o crucifixo apparecido pertencesse a um ecclesiastico da casa, ha trezentos anos sepultado na capela primitiva.

Tem a casa da Costa lendas interessantissimas, que muito concorreram para que o povo envolvesse



aquele phenomeno geologico n'uma aureola de sobrenatural, julgando-se em frente d'uma «fonte santa» e de uma «agua milagrosa».

Por terras proximas e distantes a noticia foi rapidamente circulando, ao local acorreu a multidão dos ingenuos e crentes, bebendo e transportando a maravilhosa agua, e são já sem conta as curas que affirmam terem sido por elas operadas. Cegos, aleijados, reumaticos, paraliticos, morfíticos, surdos, padecentes das mais diversas enfermidades ali vão ou mandam em busca do alivio para as suas penas, arrastados pela estranha convicção com que tantos apregoam já os prodigios da «agua milagrosa».

Aos domingos, principalmente, os peregrinos, vão, em turmas, das terras mais retiradas, de Fimalição, de Santo Tirso, de Felgueiras, de Guimarães, de Braga, com garrafas, bilhas, cantaros, canecos, pipas, e outros recipientes dos mais variados feitios, para a «fonte santa» se encaminham, na certeza antecipada de obter cura para os seus ou alheios males.

E enquanto esperam vez, em uma esplanada fronteira á quinta, formam rondas, em dansas e cantares, as bocas dessedentando com um vinho fresco e agradável que alguém ali pôz á venda, até que lhes seja dado ir provar a agua miraculosa, e subir após em

1—Antes de ir buscar agua á fonte o povo refresca-se com verdasco no pequeno arrabal á entrada da quinta.

2—Os srs. Abilio de Magalhães (X) proprietario da quinta da Costa, e Souza Martins, colaborador da «Ilustração Portuguesa» — (Cliché Alvaro Martins)

romagem á capelinha do velho e abandonado solar onde beijam devotamente o maravilhoso crucifixo. A candidez do povo!

Se o proprietario da quinta da Costa, o sr. Abilio



3—A casa da quinta da Costa perto da qual se deu o phenomeno (Cliché Gama)

de Magalhães Brandão, não fosse um homem inteligente e ilustrado, notável pelos seus estudos de folk-lorismo e de arqueologia, em volta d'aquelle caso se teria já feito a exploração que muitos pretemdem fomentar, aproveitando-se a tão fácil e supersticiosa crendice popular. O certo é que muitos dos espiritos fortes, que d'esta crendice zombam, ali tem mandado buscar agua, pela calada da noite, applicando-a de mistura com medicamentos, na esperança de que seja a cura mais pronta!

E tantos são os pedidos de agua que o proprietario da quinta recebe, de diversas partes do paiz, tantas as promessas já feitas, que em breve, a esquecida quinta da Costa promete converter-se n'uma Lourdes portugueza, com uma ermida pomposa, peregrinações e romarias, milagres e prodigios estranhos!

Quem uma vez fór á quinta da Costa, duas recordações szudosas ao menos poderá trazer: a da beleza da paisagem, d'uma beleza estonteante, e a da pureza dos ares, sádios e reconfortadores. Quanto á pretensa agua milagrosa, tão pura e limpida como a alma ingenua do povo,

tão fresca e suave como os rostos das lindas raparigas minhotas que a vão colher, desejáramos nós tel-o, n'estes dias torridos, mas era para substituir os refrigerantes adulterados que por essas praças se vendem, com graves riscos para a saude e sensível prejuizo para a bolsa.

Porto,

SOUSA MARTINS,



1—A fonte da agua milagrosa
2—Outro aspeto da fonte
(Clíchés Alvaro Martins)



3—Aspetto do arraial á entrada da quinta da Costa onde existe a fonte